

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE.  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**MARIA AMÉLIA MENDES LUIZ**

**ORIENTAÇÃO SEXUAL NA VISÃO DE PROFESSORES E ALUNOS DA ESCOLA  
MUNICIPAL MARIA DO CARMO PEDROZA MENDES**



**CAJAZEIRAS  
2008**

**MARIA AMÉLIA MENDES LUIZ**

**ORIENTAÇÃO SEXUAL NA VISÃO DE PROFESSORES E ALUNOS DA ESCOLA  
MUNICIPAL MARIA DO CARMO PEDROZA MENDES**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, do Centro de Formação de Professores – CFP, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, como requisito parcial para obtenção do título em Licenciatura em Pedagogia.

Professoras orientadoras Ms. : Antonia Lis de Maria Martins Torres  
Ms. : Maria de Lourdes Campos.

**CAJAZEIRAS  
2008**

---



L953o Luiz, Maria Amélia Mendes.  
Orientação sexual na visão de professores e alunos da escola municipal Maria do Carmo Pedroza Mendes / Maria Amélia Mendes Luiz. - Cajazeiras, 2008.  
43f. : il.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2008.  
Contém Bibliografia.  
Não disponível em CD.

1. Educação sexual. 2. Sexo. 3. Sexualidade. 4. Família na orientação sexual. 5. Adolescentes-sexualidade. I. Torres, Antônia Lis de Maria. II. Campos, Maria de Lourdes. III. Universidade Federal de Campina Grande. IV. Centro de Formação de Professores. V. Título

CDU 37:613.88

**MARIA AMÉLIA MENDES LUIZ**

**ORIENTAÇÃO SEXUAL NA VISÃO DE PROFESSORES E ALUNOS DA ESCOLA  
MUNICIPAL MARIA DO CARMO PEDROZA MENDES**

Monografia aprovada em 03/04/2008

---

Profª Ms. Maria de Lourdes Campos

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
CAJAZEIRAS - PARAIBA

## DEDICATÒRIA

- ✓ Em primeira dimensão a DEUS, que me protege e ampara em todos os momentos da minha vida, me tornando uma vencedora.
- ✓ Em segundo lugar à minha mãe HILDETE, que através do seu exemplo e perseverança, me ensinou que o estudo é a melhor forma de crescermos e nos tornarmos realizados profissionalmente e pessoalmente.
- ✓ E a mim mesma, que com muito esforço e coragem estou concretizando mais esse ideal.

## AGRADECIMENTOS

- Aos meus pais, pelo incentivo e apoio na luta pelos meus ideais.
- Ao meu esposo Francisco, pela dedicação e compreensão com o nosso filho nos momentos em que estive ausente e pelo encorajamento à minha caminhada.
- Ao meu filho Heitor, pelo carinho transmitido em cada momento de minha chegada e pela ausência em alguns momentos do início da sua vida escolar.
- À Karlene, pelos cuidados e carinho com o meu filho durante a minha ausência.
- Aos meus irmãos e amigos pelo companheirismo e por se fazerem presentes em todas as minhas conquistas.
- Aos colegas de trabalho da Escola Amélia Maria Sarmento por entenderem a minha ausência em alguns momentos.
- Às colegas de curso, pelos momentos em que compartilhamos alegrias, trabalhos, amizade e cansaço. Em especial a Lorena Soares, que dividiu comigo idéias e o acervo bibliográfico para este trabalho.
- A todos os professores do curso de Pedagogia pela contribuição que cada um proporcionou no meu crescimento e em especial à Ms. Antonia Lis de Martins Torres que me orientou e se fez presente em todas as disciplinas Práticas, até mesmo quando teve que se afastar da turma.
- À profª Ms. Maria de Lourdes Campos por me orientar com carinho e paciência na conclusão deste trabalho.
- À direção, funcionários, professores e alunos (9º ano “A”) da Escola Maria do Carmo pela participação nos questionamentos que serviram de base para a conclusão deste trabalho.
- À secretária de Educação de Nazarezinho, Auxiliadora Avelino, pelo apoio e incentivo.
- À professora Anúzia Mendes pela ajuda nos ajustes finais desse trabalho.
- À professora Gerlaine Belchior, por me fazer acreditar que a educação ainda é a mola mestra para a mudança social.
- Enfim, a todos os que contribuíram direta e indiretamente para a finalização desta graduação.

**“Quando somos educados para respeitar a nossa sexualidade e encará-la com naturalidade, entendendo que o sexo faz parte do ser humano, nós crescemos achando o sexo bonito e normal.”**

**Marta Suplicy**

## Resumo

O estudo da temática orientação sexual na escola teve como objetivo investigar a temática sexualidade na perspectiva de discentes e docentes da Escola Municipal Maria do Carmo Pedroza Mendes, na cidade de Nazarezinho, estado da Paraíba. Para realização desta pesquisa foi determinada uma amostra de cinco professores que responderam a um questionário de dez questões, quatro objetivas e seis subjetivas que visaram contemplar as concepções e a experiência dos professores para tratar de sexualidade com os alunos. A parte que envolveu os 29 alunos se deu através de filmes, palestras, músicas, discussões e produções escritas pelos alunos. Os resultados obtidos mostraram que os professores solicitam uma formação específica para o trabalho em orientação sexual naquela escola, visto que em sua maioria declararam não se sentirem preparados para estudar a temática. Já no que diz respeito aos alunos foi observado que há uma grande expectativa e interesse pela temática e isso se justifica pelo fato de que a adolescência é um período em que os jovens estão vivendo intensamente o afloramento da sexualidade. Foi perceptível que uma discussão sistematizada em torno dessa temática seja relevante tanto para os alunos quanto para os professores e cabe a escola viabilizar esse estudo. Mas é preciso que haja antes de tudo uma tomada de consciência da importância que esse tipo de trabalho tem para a vida humana e, sobretudo, que a escola enfrente esse desafio com responsabilidade, seriedade e perseverança.

**Palavras-chave:** Sexualidade – Sexo – Educação - Formação.



## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	6
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
Capítulo I	
<b>2 – SEXO E SEXUALIDADE</b> .....	11
2.1 – Sexo: o que é?.....	11
2.2 – Considerando alguns conceitos de sexualidade.....	12
2.3 – Freud e suas influências à sexualidade humana.....	13
2.4 – As manifestações da sexualidade nas fases da vida.....	15
Capítulo II	
<b>3 – EDUCAÇÃO E ORIENTAÇÃO SEXUAL</b> .....	17
3.1 – Educação sexual: um processo que começa bem cedo.....	17
3.2 – Contribuição da família na educação sexual.....	17
3.3 – Definindo orientação sexual.....	19
3.4 – Os caminhos da orientação sexual no Brasil e a contribuição dos Parâmetros Curriculares Nacionais.....	20
3.5 – A orientação sexual na escola.....	22
Capítulo III	
<b>4 – FORMAÇÃO E ESTÁGIO</b> .....	26
4.1 – Procedimentos metodológicos.....	26
4.2 – Caracterização da escola campo de estágio.....	28
4.3 – Concepção dos professores em relação à sexualidade.....	30
4.4 – Vivências e práticas docentes.....	34
<b>5 - CONCLUSÕES</b> .....	42
<b>REFERÊNCIAS</b>	
<b>ANEXOS</b>	

## 1 – INTRODUÇÃO

A sexualidade é um aspecto inerente à vida humana, seja implícita ou explicitamente, os gestos de sexualidade se revelam, a todo instante, quando falamos ou não sobre o assunto. Não podemos nos desviar disso pelo fato de estarmos rodeados de influências que abordam o tema, seja com os amigos, através da mídia, em vários lugares, até mesmo em casa. Tudo nos mostra que a sexualidade é uma forma de realização do ser humano.

No entanto, sabemos que os termos sexo e sexualidade não têm significados idênticos, mas, se misturam e se contradizem pela abrangência dispõe a sexualidade. Abrem-se espaços para conflitos e desinformação perante as pessoas, no que diz respeito a essa questão. Assim, reconhecemos que para contornar situações como essa, é necessária uma discussão sistematizada como estratégia de um maior entendimento dessa temática tão polêmica.

Dessa forma, recorreremos à escola como um dos espaços de informação para atender essa necessidade básica do ser humano, tendo em vista a preocupação com o seu desenvolvimento integral de pessoa e cidadão. São grandes as contribuições que as instituições de ensino podem proporcionar aos alunos, visto que o cotidiano escolar permite reflexões, questionamentos, posicionamentos e esclarecimentos em torno dos mitos, tabus e preconceitos que envolvem o tema.

Neste sentido, são muitas as possibilidades que a escola pode apresentar como alternativas na consolidação da orientação sexual, desde que tenha objetivos claros, propostas significativas e métodos atrativos aos alunos. Sendo assim, entendemos que a escola não pode se omitir ao debate, até porque nesse caso ela entraria em contradição quando ao mesmo tempo em que se diz defender os direitos humanos privaria os alunos de usufruir de tal direito.

O professor, nesse caso, exerce um papel primordial pelo fato de já estabelecer relações com os alunos. É ele que irá escutar os alunos, respeitar suas opiniões, valores e anseios, mas sabemos que esse é um trabalho que requer muita atenção do professor para com os alunos.

A partir de uma visita à Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria do Carmo Pedroza Mendes na cidade de Nazarezinho – PB, observando o seu cotidiano escolar, foram constatadas variadas manifestações da sexualidade através de: cenas que abrangem relações de gêneros, pornografias, insinuações, paqueras, desenhos em paredes e carteiras e namoros dos jovens nos paredões que cercam a escola.

Diante destes acontecimentos que foram detectados na escola, percebemos que na maioria das vezes estes fatos foram omitidos, ignorados ou “não vistos”. Foi aí que surgiu a preocupação com essas questões e passamos a buscar explicações para justificar o porquê de tanta desatenção com um aspecto tão presente na vida do homem. Portanto, dentre as preocupações levantadas surgiu o tema sexualidade e o interesse de discuti-lo sem a pretensão de esgotar tal conhecimento, mas, dar uma contribuição como profissional de educação.

A afinidade com o tema sexualidade nos acompanhava e unindo o útil ao agradável, trazer o tema para este trabalho monográfico só veio facilitar tal estudo. O encantamento com o assunto veio emergir principalmente ao cursar a disciplina Sexualidade e Educação, no quarto período do curso de Pedagogia. Fiquei deslumbrada com a possibilidade de trabalhar este tema, que nos dias atuais tem sido o afã de atenção nas escolas brasileiras.

Foi necessário antes de tudo ter uma visão geral de como os professores e alunos viam a orientação sexual. Portanto, uma investigação a respeito da formação sexual de professores e alunos da Escola Municipal Maria do Carmo foi o pontapé inicial. Outras indagações surgiram, dentre elas: a escola se preocupa com formação sexual dos alunos? Que tipo de preparação tinham os professores para abordarem o tema? Há tabus e preconceitos a serem superados? Como professores e alunos vêem a orientação sexual? Como eles se comportam com a sua sexualidade? Quais as suas principais curiosidades e dúvidas? Quais os preconceitos e temores em trabalhar a orientação sexual?

Nesta perspectiva, o objetivo principal deste trabalho foi investigar a temática sexualidade na perspectiva dos docentes e discentes da Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria do Carmo Pedroza Mendes.

Dessa forma, a presente monografia estruturou-se em três capítulos. No capítulo I teremos uma breve descrição dos termos sexo e sexualidade, no capítulo II falaremos da diferença ente

orientação e educação sexual, levando em consideração o papel que a família deve exercer na educação sexual de seus membros, como se deu a evolução do processo de orientação sexual no Brasil até ser instituído como tema transversal pelos PCN's e a sua implantação nas escolas.

O capítulo III relatará toda a parte de formação e estágio, envolvendo o procedimento metodológico, a caracterização do campo de estágio, a análise dos dados e as vivências e práticas em docência seguida de interpretações que se farão à luz de alguns teóricos que abordam o tema como a sexóloga Marta Suplicy, Antonio Carlos Egypto, Isaura Guimarães e outros.

Por fim, nas considerações finais, são apresentadas as conclusões e algumas sugestões que podem colaborar para um estudo mais concreto em orientação sexual na Escola Maria do Carmo Pedroza Mendes.

## 2 - SEXO E SEXUALIDADE

### 2.1 - Sexo: o que é?

Apesar de ser um assunto polêmico e ousado, o sexo é visto por muitas pessoas como um mundo a ser desvendado, já para outras, torna-se distante, inacessível. Isto acontece porque as pessoas ouvem muito falar de sexo, mas muitas vezes não sabem realmente seu significado. Para entendermos melhor, faz-se necessário algumas definições de sexo.

De acordo com Suplicy (1995, p. 10), os órgãos genitais, pênis ou vagina, nos determina quanto à identificação de sexo masculino ou feminino. A autora afirma ainda que “quando falamos de sexo, estamos querendo dizer alguma coisa que vai além do fato de ser mulher. Geralmente nos referimos ao ato sexual [...]”.

Dessa forma, o sexo é entendido como coito, intimidade entre as pessoas, realização física. É a consumação do ato sexual, que além de servir para a reprodução humana, pode garantir o prazer, condição essencial que buscam os corpos durante este ato de união.

Para Guimarães (1995, p. 23), “sexo é relativo ao fato natural, hereditário, biológico, da diferença física entre o homem e a mulher e da atração física de um pelo outro para a reprodução. No mundo moderno, o significado dominante do termo passa a ser ‘fazer sexo’, referindo-se às relações físicas para o prazer sexual”.

Como o sexo é fundamental à vida, as pessoas buscam, a todo instante, a construção de uma identidade sexual, que segundo o psicanalista americano Robert Stroler 1964 (apud Pinto, 1999, p. 62) tal identidade é formada a partir das identidades de sexo e de gênero do ser humano. Para identidade de sexo, o autor refere-se aos aspectos biológicos, já a identidade de gênero, diz respeito, aos aspectos culturais e individuais que definem o masculino e o feminino.

Tanto a identidade de sexo quanto a de gênero refletem na vida do indivíduo desde o nascimento, seja através das expectativas dos pais frente ao sexo da criança ou através da padronização cultural que é estabelecida para o macho e a fêmea.

## 2.2 - Considerando alguns conceitos de sexualidade

Quando nascemos, começamos a vivenciar as nossas experiências afetivas que se iniciam através dos primeiros contatos com as pessoas de nossa família, seja durante a amamentação, nos beijos, abraços ou nos carinhos que recebemos. São estas experiências que dão sustentação e consistência frente à formulação da nossa definição de sexualidade.

De acordo com Egypto (2003, p.13), “a sexualidade está presente na vida de todos, desde que nascemos até morrermos, de uma forma ou de outra”. Esclarecidos sobre a presença da sexualidade, precisamos saber o que realmente ela é, e como o ser humano revela a sexualidade e se comporta na vida social.

A Organização Mundial da Saúde – OMS 1975 (apud Egypto: 2003, p. 15) define que:

A sexualidade forma parte integral da personalidade de cada um. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado dos outros aspectos da vida. Sexualidade não é sinônimo de coito e não se delimita a presença do orgasmo. Sexualidade é muito mais do que isso, é a energia que motiva a encontrar o amor, o contato e a intimidade e se expressa na forma de sentir, na forma de as pessoas se tocarem e serem tocadas. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e tanto a saúde física como a mental. Se a saúde é um direito fundamental, a saúde sexual também deve ser considerada como um direito humano básico.

O conceito de sexualidade supracitado nos leva a considerar a importância da sexualidade para a vida humana, da mesma forma percebemos o quanto esta pode interferir, influenciar e definir nossas atitudes.

Sobre isso, Suplicy (1995, p.10) assegura que “várias das nossas atitudes podem revelar a sexualidade: um olhar, um roçar de mãos, o jeito de andar ou falar, de mexer o cabelo, de segurar um copo, de disputar uma competição esportiva, de trabalhar [...]”. Neste sentido, podemos observar com isso que tanto a sexualidade influencia as nossas ações quanto no nosso comportamento e quando agimos, deixamos transparecer a forma que é a nossa sexualidade.

Na visão de Guimarães (1995, p.24) o conceito de sexualidade

[...] surgiu alargando o conceito de sexo, pois incorpora a reflexão e o discurso sobre o sentido e a intencionalidade do sexo. É um substantivo abstrato que se refere ao ser "sexual". Comumente é entendido como "vida", "amor", "relacionamento", "sensualidade", "erotismo", "prazer".

Portanto, na concepção do autor, a sexualidade é vista com a função de mobilizar o corpo a encontrar a realização pessoal no sexo, priorizando aspectos como os sentimentos, emoções, a felicidade, dar e receber amor. Vejamos as contribuições da psicanálise no que tange a sexualidade.

### 2.3 - Freud e suas influências à sexualidade humana.

Considerado "o pai da psicanálise", Freud deixou-nos como legado uma rica contribuição concernente à sexualidade. Sua teoria vem revolucionar as idéias de sexualidade existente na época que até então se resumia à diferença entre homem e mulher e a reprodução humana.

Oliveira (2001, p. 30) afirma que "Se antes a sexualidade era um assunto do âmbito Privado, a Psicanálise lança-a para o domínio público, na medida em que as premissas desse campo de saber foram incorporadas não apenas pelos meios científicos, mas, também, pelos meios intelectuais, escolares, literários, cinematográficos; na sociedade de modo geral".

A partir da Psicanálise percebe-se que a sexualidade ganha uma conotação bem maior que se refere à formação da personalidade humana. Robert Nye (2002, p.12), ao escrever "Três psicologias" afirma que de acordo com Freud os homens nascem com instintos de vida (EROS) e o instinto de morte. Os instintos têm energia, na verdade, a energia psíquica dos instintos é o que impulsiona a atividade humana. A energia dos instintos de vida é chamada de libido ou energia libidinal. O termo "libido" é muitas vezes usado de forma sinônima com a energia sexual".

Nesses termos, Nye (2002, p.12) se apropria da teoria Freudiana para defender que é a libido que motiva o homem ao buscar o prazer e ao mesmo tempo estabelecer relações afetivas e vínculos que se perpetuam por toda a vida. Isso acontece desde a infância e para Freud a infância era primordial para a formação do sujeito.

Durante a fase de desenvolvimento, a criança focaliza a fonte de prazer em alguma parte do corpo. Concomitantemente a libido se desenvolve apresentando uma variação na fonte de prazer através de quatro fases: oral, anal, fâlica e genital.

Na fase oral, que geralmente acontece no primeiro ano de vida, a criança ocupa grande parte do seu tempo com atividades centralizadas na boca, como o chupar e o morder. É assim que ela encontra prazer em tudo que direciona a boca.

A segunda fase descrita por Freud (apud Nye: 2002, p.22) é a anal, onde o ânus torna-se o centro da atenção do prazer. Isso ocorre do 2º ao 3º ano de vida onde a retenção e a expulsão das fezes emitem ao indivíduo a sensação de adiamento de prazer e posteriormente à gratificação.

Por volta dos três anos a libido proporciona a erotização dos órgãos genitais. A masturbação e as fantasias fazem parte desta fase de desenvolvimento. Freud (apud Nye: 2002, p.23) orienta que aqui é onde pode ocorrer o complexo de Édipo para os meninos e o complexo de Electra para as meninas. Tais complexos revelam-se numa reação triangular pai – mãe – filho. No complexo de Édipo o filho, de maneira inconsciente, deseja a mãe e passa a rivalizar o pai.

Da mesma forma, no complexo de Electra, a filha, inconscientemente, deseja o pai e vê a mãe como uma intrusa. Nestes casos (Édipo e Electra), a saída é a identificação do menino com o pai, definindo assim sua masculinidade e da menina com a mãe definindo sua feminilidade. Para Pinto (1999, p. 88) “a superação da fase edípica implica a aquisição da identidade de sexo.”.

Essas três fases, segundo Freud (apud NYE: 2002, p.26), acontecem na infância e até que se chegue a última fase, que é a genital, ocorre período de latência, ou seja, um período em que a energia sexual está dispensa aquietada, geralmente acontece entre os 06 e 12 anos.

Com início da adolescência e da puberdade as adaptações biológicas e psíquicas constituem a fase genital. Neste período, os genitais ganham ênfase por serem objetos de prazer. A busca



do prazer num objeto externo torna-se evidente, para tanto, busca-se com o parceiro a gratificação mútua.

Ressalta-se que a sexualidade surge na infância e em decorrências às fases da libido, pressupomos que ela sofre alterações tanto nas fontes de prazer como na formação da personalidade humana. Convém observar como a sexualidade se faz presente nas diferentes fases da vida do indivíduo.

#### 2.4 - As manifestações da sexualidade nas fases da vida

A infância, primeira fase de vida pela qual passam os seres humanos, se baseia inicialmente na relação materna. Pinto (1999, p. 75) considera que “a forma da mãe lidar com o sexo da criança é um modelo de como, mais tarde, a criança lidará com o seu próprio sexo”.

Sendo assim, essa considerável importância da mãe se reflete na construção da identidade sexual da criança que se estabelece após as três primeiras fases de desenvolvimento da libido (oral, anal e fállica) quando se é resolvido pelas crianças o complexo de Édipo e Electra. O próximo passo será a formação da identidade de gênero, que com a educação recebida pelos pais, a criança receberá uma aprendizagem cultural de como se comportar socialmente, reconhecendo seu papel de menino ou menina.

Na puberdade e adolescência, visto que estes são dois processos que ocorrem concomitantes, as mudanças biológicas, psicológicas e cognitivas despertam no indivíduo a consolidação da sexualidade. Nessa etapa de vida há um notável interesse pelas questões sexuais, pelo fato do corpo já estar apto para o sexo genital. O erotismo passa a aflorar a cabeça dos jovens. Conforme Pinto (1999, p.97), o erotismo é seguido de aspectos como: busca de autonomia, estabelecimento de valores, busca de grupos de convivência e estabelecimento de uma relação diferente da geração anterior.

Se nos ampararmos na concepção de Pinto (1999, p.101), que “o desenvolvimento da identidade sexual e da sexualidade não termina na adolescência”, veremos que a fase adulta traz alguns diferenciais da adolescência/puberdade em termos de sexualidade.

Embora na fase adulta as mudanças corporais se dêem muito lentamente, a cultura social incute responsabilidades e concepções diferentes para homens e mulheres. Para o homem, o reconhecimento por parte das mulheres e dos amigos a respeito do seu vigor sexual é fundamental, principalmente por conta da crise do medo de perder o vigor sexual. Algumas pessoas consideram que a mulher adulta, já não apresenta mais um corpo tão sedutor como na fase anterior e busca com mais intensidade o prazer, a aprendizagem e a qualidade sexual, embora isto seja uma verdade bastante relativa.

Sobre a etapa seguinte, a terceira idade, comenta-se que ambos os sexos, masculino e feminino, não apresentam tanto desempenho para realizar-se, ou será que isso não é verdade? Essa concepção que se tem sobre os idosos é um preconceito que permeia na sociedade e segundo Pinto (1999, p. 127) “não é difícil encontrar homens e mulheres que preferem abdicar da vida sexual, culpando a velhice por essa decisão”.

Reconhecemos que a idade não permite a mesma energia física que das fases anteriores, mas, nem por isso podemos negar a presença do erotismo, da sensualidade que estão dentro da sexualidade de cada um. O autor afirma ainda que para lidar com as questões de culpa e depressão nessa fase de vida é primordial a maneira de como as pessoas foram preparadas anteriormente, tanto em termos de educação e orientação sexual. Mas, o que diferencia a educação sexual da orientação sexual? Esta questão será discutida no capítulo seguinte.

### **3 - EDUCAÇÃO SEXUAL E ORIENTAÇÃO SEXUAL**

#### **3.1 - Educação sexual: um processo que começa bem cedo.**

Desde quando nascemos, a nossa vivência nos permite que gradativamente possamos receber informações sobre sexualidade. Isso ocorre em diversos lugares e a todo o momento. Dessa forma, estamos inseridos num processo de educação sexual.

Entendendo a educação como um processo de desenvolvimento do ser humano, podemos identificar a educação sexual como um aspecto de grande relevância para a formação da personalidade humana.

O que define essa importância é o fato de termos muito interesse pela sexualidade e constantemente estar aprendendo sobre ela, seja no silêncio, na omissão, nas dúvidas ou expectativas. Esses fatos que lidamos cotidianamente nos transmitem mensagens que irão formular nossas próprias concepções e formas de viver.

Suplicy (2000, p. 7) define que a educação sexual “ocorre de maneira informal e nos permite incorporar valores, símbolos, preconceitos e ideologias”. Assim, a educação sexual, que começa na infância, vai se modificando de acordo com as etapas da vida.

É notório que ao compasso das etapas de vida estamos modificando também o nosso comportamento e os nossos pensamentos, por recebermos diversas influências sexuais da nossa família, dos amigos, dos meios de comunicação e outros. Tais influências contribuem para que possamos fazer escolhas frente ao sexo.

A partir destas influências percebemos o quanto a educação sexual é um processo amplo e sujeito a interferências. Suplicy (2000, p. 7) afirma que “a principal influência recebida desde a infância é a atitude dos pais frente à sexualidade”. Sendo assim, passamos a refletir como a família trabalha a questão da sexualidade e no que ela pode contribuir para um melhor processo de educação sexual.

#### **3.2 – Contribuição da família na educação sexual**

Torna-se evidente apontar a família como base da educação sexual do ser humano por ser nela que nascemos, crescemos, nos reproduzimos e morremos.

Guimarães (1995, p. 29) declara que “é na família que surgem as bases das atitudes sexuais que são culturais mais do que inatas”. Levando em consideração o que a autora afirma, a cultura na qual a família está inserida revela as concepções de sexualidade dos que a constituem, da mesma forma que a cultura incute no indivíduo as suas formas de conceber a sexualidade.

Por não nascermos com a sexualidade pronta e acabada e a aperfeiçoarmos de acordo com as nossas vivências, a família é primordial na educação sexual dos seus membros e cabe aqui questionarmos como vem acontecendo esse processo de educação sexual nas famílias e como estas se dispõem ou não para tratar desse assunto.

Muitas famílias, por serem conservadoras e autoritárias, não abordam a sexualidade. Essa postura está arraigada à visão de que sexualidade é censura e estas famílias passam a se posicionar adotando silêncios e repressões.

Suplicy (1995, p.34) mostra que “a falta de informação, a ignorância é que empurram o jovem para aprender apenas através da experiência, nem sempre bem orientado e consciente”.

Com a desinformação e a falta de espaços para questionamentos, os filhos muitas vezes buscam suprir suas curiosidades e dúvidas sobre esse mundo “proibido” com os grupos de amigos, meios de comunicação ou até mesmo em recintos inadequados tais como os prostíbulos, pondo em risco a saúde e sujeitos a passarem por decepções para a construção da sua sexualidade.

Neste caso, há uma maior probabilidade de desenvolverem uma concepção negativa sobre a sexualidade e conseqüentemente adotar valores que prejudiquem a auto-estima sexual, sem contar que os pais perdem a oportunidade de estabelecer uma relação mais harmônica e confiável com os seus filhos.

Em contrapartida às famílias que silenciam a sexualidade, existem aquelas que se dispõem a um diálogo aberto e esclarecedor, com o intuito de mostrar que a sexualidade pode propiciar ao indivíduo uma realização pessoal e que por esse motivo deve ser vivida com responsabilidade.

Estar firme para conversar sobre esse assunto não implica dizer que a família tenha que se desfazer dos seus valores, inclusive esse é o medo que assustam as famílias que se omitem a tratar da sexualidade. Os valores devem ser preservados para que não haja contradição entre liberdade e libertinagem.

Deve haver por parte dos pais um equilíbrio para não restringir, nem liberar demais os filhos. Suplicy (1995, p. 33) reforça que “confiança não é controle, não é forçar o jovem a agir como os pais querem, confiar é colaborar para que o filho tome as próprias decisões de maneira responsável”.

É através da confiança e do diálogo que os filhos encontrarão segurança nos pais e com mais facilidade poderão reconhecer e amenizar concepções negativas como: mitos, tabus, estereótipos, preconceitos e outros vilões que mascaram a sexualidade.

Conscientes da sua responsabilidade, os pais devem estar preparados para auxiliarem na educação sexual dos seus filhos, uma vez que de acordo com Pinto (1999, p. 26) ninguém pode substituir o papel educador da família e não existe nenhuma maneira dos pais recusarem o papel de principais educadores dos seus filhos.

Bem sabemos que isso não é fácil, temos muito que trabalhar com as famílias, mas, para auxiliar nessa tarefa tão delicada, podemos recorrer à orientação sexual como uma alternativa complementar à educação sexual.

### 3.3 – Definindo orientação sexual

Quando a família não consegue dominar determinadas situações ou não está preparada em termos de informação para subsidiar a educação sexual, ela pode e deve se integrar à orientação sexual para que juntos construam conceitos esclarecedores sobre os principais assuntos pendentes.

A sexóloga Marta Suplicy (2000, p. 8) vê a orientação sexual como

[...] um processo formal e sistematizado que se propõe a preencher as lacunas de informação, erradicar tabus e preconceitos e abrir a discussão sobre as emoções e valores que impedem o uso dos conhecimentos. A orientação sexual cabe também propiciar uma visão mais ampla, profunda e diversificada acerca da sexualidade.

A expectativa é que a orientação sexual venha colaborar com a educação sexual, objetivando abrir espaço para a reflexão, respeitando a diversidade dos pontos de vista dos seus integrantes. Não seria caráter da orientação sexual indicar o caminho certo ou determinar posição, mas, possibilitar canais de comunicação e informação entre as pessoas para que discutam os diferentes pontos de vista.

A orientação sexual a partir do conceito de Yara Sayão (1997, p. 112) indica “um processo de intervenção planejado, intencional e sistemático, que inclui o esclarecimento das dúvidas, o questionamento das posições estanques e a resignificação das informações e valores incorporados e vivenciados no decorrer da vida de cada criança ou jovem”.

Esse caminho pelo qual a orientação sexual está sendo apresentada não tem a intenção de substituir a educação sexual, mas pode contribuir para que os adolescentes tenham uma visão positiva acerca da sexualidade. A família e a sociedade contarão com a orientação sexual como uma opção a mais para a formação de seres pensantes e autônomos nas questões relativas à sexualidade.

Para Pinto (1999, p. 23), a orientação sexual deve “servir de fórum de discussões sobre a sexualidade, com a pretensão de que essas discussões gerem novas discussões em casa, elevando a sexualidade a assunto familiar e não ao silêncio familiar”.

Os autores supracitados reforçam a idéia de que a orientação sexual priorize a sexualidade humana, a realização plena da pessoa através do conhecimento. Vejamos como tem trilhado a orientação sexual no Brasil.

### 3.4 - Os caminhos da orientação sexual no Brasil e a contribuição dos Parâmetros Curriculares Nacionais

Arraigada a uma cultura que reprime a sexualidade, a educação sexual, retomada posteriormente na perspectiva de orientação sexual, passou por distintas situações ao longo da história brasileira.

Yara Sayão (1997, p. 108) faz uma retrospectiva dos momentos relevantes da educação sexual no Brasil que no início do século XX teve fortes influências européias no “combate à masturbação e às doenças venéreas, visando também à preparação da mulher para o exercício do papel de esposa e mãe”.

Segundo Sayão (1997), até o início da década de 70, muitos contextos marcaram positiva e negativamente a orientação sexual no Brasil, como exemplo: o feminismo que objetivava a proteção à infância e a maternidade; o apoio à educação sexual divulgado no Diário da Noite (1930); o processo jurídico de demissão do professor Stawarski por liderar o ensino da evolução da espécie e da educação sexual no Colégio Batista do Rio de Janeiro; a forte repressão da igreja católica nos anos 50; as importantes experiências das escolas públicas, particulares e outras instituições de iniciativas à orientação sexual nos anos 60, estas que foram recuadas em 1970 com o parecer contrário da Comissão Nacional de Civismo ao projeto da Deputada Julia Steimbruck que propunha a introdução obrigatória da educação sexual nos currículos escolares.

O interesse pela sexualidade reaparece a partir de 1975 com influência dos movimentos feminista e de controle da natalidade que foram seguidas por várias experiências nas escolas públicas e particulares em vários estados brasileiros, a princípio, através de palestras, encontros e debates ministrados por médicos e psicólogos abordando os conteúdos ligados à reprodução humana.

A Secretária Municipal de Educação em São Paulo implantou a orientação sexual em algumas escolas no ano de 1989 através do secretário Paulo Freire e com o acompanhamento do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual – GTPOS. Outros estados também criaram projetos para essa temática e muitas instituições trataram de produzir matérias para a efetivação desse trabalho.

A partir de 1996 com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s, divulgados pelo Ministério da Educação e Cultura que a sexualidade ganha ênfase na educação brasileira. A

orientação sexual é denominada como um dos temas transversais com o objetivo de uma ação efetiva para diminuir os efeitos indesejáveis de desinformação, gravidez precoce, e outros.

Os PCN's justificam a orientação sexual como imprescindível à escola, tendo em vista que a sexualidade não pode ser separada do indivíduo e os alunos trazem consigo uma gama de conhecimentos a respeito do tema. Se a sexualidade está na escola, ela não deve ser ignorada ou não vista, ao contrário, ela deve ser trabalhada.

### 3.5 - A orientação sexual na escola

Atualmente, as escolas e os professores têm se deparado com uma demanda social que apresenta várias manifestações da sexualidade com conseqüências visivelmente notáveis a exemplo de gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis, prostituição, dentre outras. Todos estes aspectos que recaem sobre a escola necessitam de uma intervenção pedagógica sistematizada e um critério para esta intervenção se dá através da orientação sexual, sendo o professor o principal protagonista deste processo.

Suplicy (2000, p. 10-14) argumenta sete justificativas para a orientação sexual na escola, a saber:

✓ **A escola não pode fugir à sua responsabilidade;**

A escola torna-se responsável pelo indivíduo desde o ato da matrícula e sendo assim, no que tange a sexualidade também deve ser responsabilidade da escola, visto que esta prima pela formação integral do aluno.

✓ **Devido à falta de informação;**

Os jovens, muitas vezes, acham que estão informados. Vale questionar quais as vias de informação disponíveis para eles e qual o nível de veracidade destas informações, levando em consideração os arriscados canais a exemplo da internet, que contém todos os tipos de sites, inclusive os considerados perigosos.

✓ **Para superar medos e preconceitos;**

A sexualidade humana representa para algumas pessoas um assunto oculto, que diz respeito apenas ao íntimo e por isso algumas pessoas ainda guardam consigo medos e



cultivam preconceitos. A orientação sexual pode contribuir para amenizar ou até mesmo sanar esses problemas que circulam perante a sexualidade, desde que sejam feitas discussões com esse propósito.

✓ **Para o bem estar sexual;**

As possibilidades de uma vida sexual harmônica dependem de como o sujeito vê a sexualidade, para tanto, a orientação sexual deve servir também para esse bem estar, quebrando alguns entraves que prejudicam os sentimentos e emoções.

✓ **Para ajudar na formação de identidade;**

Como sabemos, é no decorrer da vida que os jovens se definem enquanto personalidade e a possibilidade da orientação sexual através da discussão e da troca de experiência é um ponto imprescindível para que através desse contato com o outro se defina uma identidade madura.

✓ **Para abrir canais de informação;**

A troca de idéias e a ponderação entre os diversos pontos de vista são essenciais para que se conheçam e respeitem as opiniões convergentes. A informação é essencial, principalmente na adolescência, que é considerada uma fase de grandes amizades e relacionamentos.

✓ **Porque ajuda a repensar valores.**

A questão dos valores deve ser vista no sentido de analisá-los sem nenhuma discriminação, mesmo àqueles que consideramos incorretos. A reflexão proporciona uma abertura para uma visão mais crítica e ampliada em relação às diferentes posturas e comportamentos adotados.

Tais justificativas argumentadas pela autora nos convencem que a escola é o local ideal para a orientação sexual como complemento da educação sexual oferecida pela família. Neste novo cenário, temos dado conta que muitas escolas apresentam certa rejeição para trabalhar com a orientação sexual. Por sentirem que este assunto pode trazer polêmicas e contradições vexatórias para o âmbito escolar.

Uma questão muito alegada pelos professores é que a orientação sexual seja realizada por profissionais da área de saúde ou que se limite ao conhecimento das partes fisiológicas e biológicas do corpo humano. Na verdade, a questão da falta de preparação profissional deve ser desmistificada pela justificativa utilizada por Meyer (2000, p.101) considerando que “o preparo para tratar das questões afetas à sexualidade tem pouco a ver com a formação acadêmica do educador e muito a ver com sua postura frente à vida e a sexualidade”.

No caso de dúvidas para o trabalho de orientação sexual, o professor pode recorrer a um profissional específico para auxiliá-lo em questões técnicas, mas, o que está sendo levado em consideração é a importância que ele dá à sexualidade, suas concepções e, sobretudo que o seu planejamento priorize objetivos claros, conteúdos significativos, diversificados e métodos atrativos ao aluno, para que tudo não se torne uma mera transmissão e imposição de idéias repassadas como verdades absolutas.

Meyer (2000, p. 104) orienta que para este tipo de trabalho “é mais recomendável o uso de métodos de ensino que privilegiem a participação do aluno, não só como sujeito da ação educativa, mas, também como agente dessa ação”. Desta forma, o aluno terá mais espaço para se expressar, questionar, revelar suas experiências e anseios diante da sexualidade e o professor deve ter em mente que a orientação sexual pode estar sempre aberta às mudanças em suas práticas pedagógicas tendo que a todo o momento a aula ser replanejada, repensada, sem que se perca de vista os objetivos propostos.

Os conteúdos selecionados devem atingir uma amplitude de assuntos relacionados à vida do aluno, tais como: namorar e ficar, erotismo, relacionamento familiar, gravidez, preconceitos, tabus, mitos, violência sexual, saúde, prazer, homossexualidade, virgindade, reprodução, questões de gênero e outros que forem solicitados pelos alunos, tendo em vista a flexibilidade do currículo em função das necessidades de informações dos participantes.

A metodologia deve focar debates, discussões, palestras, filmes, livros, materiais informativos, panfletos, perguntas e respostas, jogos, materiais concretos (camisinhas, pílulas), textos reflexivos, documentários e pesquisas nas mais variadas fontes. O desempenho do orientador sexual deve estar voltado à intenção de problematizar, facilitar discussões, incentivar os alunos a buscar informações necessárias e seguras para discernir o que é importante para a formação de sua identidade.

Um outro ponto essencial para a orientação sexual é a integração entre a escola e as famílias a fim de que conheçam, discutam o que será trabalhado com os seus filhos e assim possam participar e apoiar este trabalho. A escola pode e deve trabalhar a orientação sexual sem impor valores nem propor modelos de conduta, mas na perspectiva de formar o indivíduo para a cidadania e para uma vida segura.

## 4 – FORMAÇÃO E ESTÁGIO

### 4.1 - procedimento metodológico

A temática “Orientação Sexual” foi desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria do Carmo Pedroza Mendes, na cidade de Nazarezinho com os seguintes objetivos:

Objetivo geral:

- Investigar a temática sexualidade na perspectiva dos docentes e discentes da Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria do Carmo Pedroza Mendes

Objetivos específicos

- Identificar se a escola trabalha a orientação sexual com seus alunos e de que forma isso acontece observando quais os recursos utilizados;
- Verificar o nível de preparação dos professores para abordarem a orientação sexual;
- Reconhecer os principais tabus e preconceitos que se fazem presentes entre professores e alunos;
- Levantar curiosidades e dúvidas acerca do tema.

No primeiro momento tomou-se como referência a visão dos professores do 9º ano “A” sendo determinada uma amostra de seis professores para aplicação de questionários. Os professores da pesquisa possuem escolarização entre o Pedagógico e curso superior e lecionam diariamente na escola citada, motivo que colaborou com a aplicação da pesquisa.

O segundo momento da pesquisa diz respeito à participação dos 29 alunos do 9º ano “A”, tendo em vista serem alunos de faixa etária onde o pico da sexualidade aflora e conseqüentemente há dúvidas a respeito da sexualidade. Para observação da concepção dos alunos em relação ao tema abordado foram realizados debates, palestras, caixa de perguntas, discussão de filmes e músicas e elaboração de produções escritas dos alunos.

Esta pesquisa recorreu a um caráter exploratório que segundo Gonsalves (2001, p.65) “é aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de idéias, com o objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um fenômeno que é pouco explorado”, visto que a sexualidade ainda é um assunto pouco discutido na escola trabalhada.

Neste sentido, a pesquisa utilizou o método de análise quanti-qualitativa por se constituir de resultados objetivos e subjetivos que envolvem a participação e o posicionamento dos envolvidos no processo. De acordo com Richardson (1999, p. 70) “método quantitativo caracteriza-se pelo emprego da quantificação tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas”. Já o aspecto qualitativo é diferenciado do quantitativo segundo Richardson (1999, p. 70) “à medida que não emprega um instrumental estatístico como base do processo de análise de um problema”. Ambos os métodos utilizados se complementam pelo fato de um precisar do outro.

Como instrumento de coleta de dados foi aplicado junto à amostra selecionada um questionário contendo dez questões para os professores, sendo quatro questões objetivas e seis subjetivas. Cada professor responderá a um questionário individualmente.

As questões abordadas envolvem as concepções e se há preparação profissional dos professores sobre sexualidade, qual a importância que eles dão ao tema, qual o momento correto para se trabalhar este tema, as formas de manifestação sexual dos alunos em sala de aula, as dificuldades a serem enfrentadas pelo professor caso resolvam trabalhar com orientação sexual na escola e as sugestões pedagógicas que eles apontam para esse trabalho.

Posteriormente, aconteceu o momento da análise dos dados que teve como referência as leituras, o conhecimento acerca da sexualidade e a interpretação dos dados coletados à luz de teóricos que estudaram anteriormente a temática, dentre os quais se destacam: Marta Suplicy, Antonio Carlos Egypto, Isaura Guimarães, Ênio Brito Pinto, Yara Sayão e outros.

#### 4.2 - Caracterização da Escola Municipal de Ensino fundamental Maria do Carmo Pedroza Mendes

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria do Carmo Pedroza Mendes, está localizada à Rua Vereador Antonio Higino Filho, sem número, bairro Lindolfo Pires, na cidade de Nazarezinho, estado da Paraíba.

O surgimento desta escola nasceu principalmente do anseio de atender os alunos da zona rural que iriam ser atendidos no Ensino Fundamental II, uma vez que o município não havia implantado essa modalidade. Para a concretização desta necessidade, o prefeito constitucional, Salvan Mendes Pedroza, construiu em 1998, no antigo campo de futebol, o prédio que serviria de suporte para o funcionamento da escola.

Somente em 25 de maio de 1999, a escola fora oficialmente fundada através do decreto 256/99, recebendo esta nomenclatura, Maria do Carmo Pedroza Mendes, em homenagem prestada pelo prefeito à sua falecida mãe.

Atualmente a escola atende uma clientela de 451 alunos que estudam do 6º ao 9º ano e 51 alunos na Educação de Jovens e Adultos. Para atender a esta demanda a escola dispõe de um corpo docente de 20 professores e 18 pessoas entre funcionário e auxiliares de serviço.

A escola possui 10 salas de aula (uma delas destinada à videoteca), 04 banheiros (01 masculino, 01 feminino, 01 na sala de professores e outro na secretaria) 01 sala de professores, 01 cantina, 01 depósito 01 salão e 01 boa área descoberta. Como o prédio foi se ampliando gradativamente, o principal problema enfrentado pela escola diz respeito ao espaço físico que não é tão adequado para atividades como esportes, gincanas e grandes eventos.

A comunidade atendida pela escola são crianças, adolescentes, jovens e adultos oriundos da zona rural do município de Nazarezinho que fazem grande percurso nos transportes escolares até chegarem à instituição. Assim, as famílias apresentam um padrão econômico bastante comum entre as classes pobres e geralmente dependem da agricultura e outros contam com algum benefício federal (aposentadoria, Programas sociais e outros).

A administração conta com uma diretora, uma diretora adjunta, uma supervisora e um mestre de disciplina, todas com licenciatura em áreas específicas. O quadro de professores é formado por docentes, na maioria também com licenciatura.

O planejamento escolar acontece quinzenalmente na própria escola com a organização da supervisora escolar onde são discutidos os problemas educacionais e em seguida se consome o planejamento de aulas por disciplina e série.

São desenvolvidos ainda projetos de Leitura, Escrita e Cálculo, projeto interdisciplinar envolvendo temáticas pertinentes na vida do aluno e alguns projetos de intervenção como “Contadores de história, Caravana da leitura, Vamos fazer da escola o melhor lugar do mundo”.

O PDE – Plano de Desenvolvimento da Escola que tem trazido resultados notáveis em aspectos de aprendizagem, capacitações e aquisição de materiais de suma importância para o desenvolvimento da escola. Há ainda uma parceria com a Secretaria de Saúde Municipal no auxílio de atendimentos e palestras.

A avaliação acontece de forma contínua e progressiva levando em consideração a evolução qualitativa do aluno no decorrer do ano letivo, sempre prevalecendo a nota seguinte maior.

Para combater entraves como evasão e distorção idade/série foram tomadas medidas como sala de aceleração, reforço escolar em todas as séries em especial nas disciplinas Matemática e Língua Portuguesa, onde acontece o maior número de reprovação.

O conselho escolar se reúne periodicamente para discutir problemas, tomar decisões, planejar e executar os recursos financiáveis dos programas do FNDE. Os representantes de alunos se reúnem com a direção para conversarem e tentarem solucionar problemas, bem como propor sugestões que melhorem a vida escolar dos alunos, quando necessário, os pais são chamados à escola para tomarem maiores providências junto à direção para com seus filhos.

A gestão escolar trabalha de forma democrática visando envolver todos os participantes do ambiente escolar num clima de convivência mútua e cordialidade. Para isso, diretor, vice-

diretor, supervisor, professores, funcionários, alunos, pais, amigos da escola são recebidos constantemente na escola com muito respeito e atenção.

#### 4.3 - Concepção dos professores em relação à sexualidade.

Os dados foram coletados através de questionários aplicados com cinco professoras do 9º ano “A” da Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria do Carmo Pedroza Mendes no período de 01 a 03 de novembro de 2007. A sistematização desta análise considerou os aspectos quanti-qualitativos, observando os significados das respostas dos sujeitos da pesquisa que foram codificados como professora A, B, C, D e E.

As respostas da pesquisa foram fundamentadas á luz de alguns teóricos que abordam a questão da sexualidade, tais como: Marta Suplicy, Antonio Carlos Egypto, Isaura Guimarães, Júlio Groppa Aquino e outros.

Inicialmente foi perguntado: **Como você vê a sexualidade humana?**

A professora A definiu como “algo determinante no bom desenvolvimento pessoal, psicológico e social”. A professora B define “como algo necessário e de grande importância em nossas vidas”. A professora C afirma ser “algo de suma importância, porém que ainda precisa ser bem trabalhado”. A professora D define a sexualidade “como parte essencial no processo de desenvolvimento do comportamento do indivíduo” e a professora E diz que “de certa forma, hoje em dia não se leva a sério a sexualidade, se vê apenas como coisa banal”.

A questão da sexualidade tem se tornado um assunto muito pertinente nos dias atuais pela amplitude de fatores que ela envolve. De acordo com Meira (2002, p.13), a sexualidade “envolve vários fatores da personalidade, do comportamento e do sentimento humano”. Daí dizer que as professoras questionadas reconhecem a sexualidade humana como fundamental para a vida humana.

Ao serem indagados se já haviam participado de algum curso ou palestra sobre a **orientação sexual**, as professoras A e B afirmaram já terem participado de palestras sobre o



assunto. A professora C disse que “no ensino médio o professor de Biologia dava aulas de orientação mensalmente”. Já a professora D afirma que além de participar de debates, desenvolveu um projeto sobre orientação sexual na escola e apenas a professora E afirma nunca ter participado de algum curso ou palestra de orientação sexual.

Suplicy (2000, p. 16) questiona a formação do professor porque esta “raramente incorpora temas de sexualidade em seu currículo”. Para esta sexóloga “falta uma abordagem com enfoque bio-psico-social; falta uma reflexão mais aprofundada sobre as relações interpessoais”. Neste sentido, na maioria das vezes, a sexualidade é tratada na escola de maneira técnica, geralmente direcionada ao lado biológico, reprodutivo e preventivo, sendo deixado de lado o emocional e o cultural.

**Perguntamos às professoras: Você acha importante discutir a sexualidade na escola? Por quê?**

Todas as professoras responderam sim. A professora A justificou que “falar dessa questão ainda é tabu para muitas famílias, somente na escola alguns adquirem conhecimentos sobre o assunto”. A professora B afirma que “a maioria dos jovens são levados a praticar sem mesmo conhecer os métodos anticoncepcionais, levando à gravidez indesejada”. A professora C disse que “muitos alunos tratam o assunto de forma distorcida por falta de orientação na família”. A professora D que “a escola tem por obrigação orientar o alunado, na descoberta de suas necessidades e curiosidades sobre o tema, já que a família se ausenta durante esse processo de formação”. A professora E alega que “os adolescentes não têm a orientação que precisam em casa, por isso, a escola como centro educacional tem que tomar posição”.

De acordo com as falas das professoras, observa-se que a opinião geral das professoras é que a orientação sexual é imprescindível na escola, como de fato é, mas, cabe aqui ressaltar que Egypto (2003, p. 15) não descarta o papel primordial da família na educação sexual dos filhos, “mas se a escola não participar, vai deixar o jovem muito a mercê de experiências que provavelmente não vão dar conta dos medos, das dúvidas e dos questionamentos que vão se desenvolvendo ao longo da vida”.

Nesta perspectiva, concorda-se que a escola deva se integrar à família para realizar a orientação sexual, não com o intuito de exercer a função que compete à família, mas

auxiliando-a na formação de pessoas que questionam, refletem e tomam decisões e posicionamentos conscientes.

Quando perguntadas **o que seria necessário para um bom trabalho de orientação sexual**, as professoras expressaram:

- Professora A – “Pessoas qualificadas para trabalhar professores de todas as disciplinas, pais e alunos”.
- Professora B – “Uma disciplina específica e um profissional capacitado”
- Professora C – “Equipes bem preparadas, o empenho das escolas e principalmente a aceitação por parte do aluno”.
- Professora D – “A participação da família juntamente com a escola para que juntas possam desenvolver um trabalho de formação e orientar para a vida”.
- Professora E – “Um bom palestrante e material completo, para que a conversa não fique só naquele momento e sim, sempre na memória”.

Na verdade há um conjunto de fatores que podem viabilizar um bom trabalho de orientação sexual, a exemplo de: a segurança e conhecimento do professor para com o tema, a integração com os pais, o apoio de profissionais da saúde, material específico, entrosamento com a turma, uma boa metodologia, dentre outros. Para Pinto (1999, p. 25) “intimidade, confiança, respeito são precondições para que possa haver a orientação sexual”.

Quando foi perguntado às professoras **se elas se sentiam preparadas para trabalhar a orientação sexual**, 80% delas disseram que não e apenas 20% disseram que sim. As professoras que não se sentiam preparadas alegaram: falta de conhecimentos sobre o tema, insegurança, inibição e falta de treinamento para este tipo de trabalho. Já as professoras que responderam que se sentiam preparadas afirmam ver o sexo como algo comum, bonito que precisa ser tratado com naturalidade.

Com este percentual obtido, observamos que a maioria das professoras não se sente preparadas para trabalhar a orientação sexual e na percepção de Guimarães (1995, p. 87) “a educação sexual apresenta um grande risco de tornar-se essencialmente repressiva se oficializada ao acaso, isto é, sem o devido planejamento e preparo dos professores”.

Quando indagados sobre **o momento em que a escola deveria abordar a orientação sexual**, 100% das professoras responderam que o momento oportuno seria todas às vezes que o aluno manifestar algo sobre sexualidade. Na realidade, por muito tempo o momento de orientação sexual ficou restrito às aulas de ciências ou biologia, mas na realidade percebe-se que a sexualidade está sempre presente na escola e que ela deve ser tratada com naturalidade, sempre que for preciso, para desmistificar a idéia de que sexo é feio e proibido.

Foi perguntado às professoras: **De que forma os alunos manifestam a sexualidade na escola?**

40% afirmaram que era através de desenhos e comportamento, 20% afirmaram que era através de desenhos, 20% afirmaram que era através de desenhos e palavrões e mais 20% disseram que era através de desenhos, comportamento e piadas.

De acordo com os dados acima, observa-se que o maior percentual de manifestação da sexualidade na escola se dá através de desenhos e comportamento. Isto indica que a sexualidade é uma forma de manifestação do comportamento humano, ou seja, revelamos a nossa sexualidade no nosso jeito de ser.

Ao serem interrogadas sobre **quais as dificuldades que se teme enfrentar num trabalho de orientação sexual**, 60% das professoras entrevistadas disseram que seriam as dúvidas, 20% delas disseram que temiam a insegurança e 20% afirmaram não temiam nenhuma dificuldade por saber muito sobre o assunto.

Neste caso, os 60% das professoras com dúvidas e os 20% das inseguras confirmam o argumento da falta de preparação profissional utilizada pelas professoras para justificar os entraves do trabalho de orientação sexual. Mas, de acordo com Egypto (2003, p. 24) “a orientação sexual supõe uma sistematização do trabalho com os educadores, caso contrário eles não vão dar conta”. Logo, é preciso um trabalho com os professores para que eles tenham conhecimento acerca da sexualidade e saibam como trabalhar o tema com os alunos.

Quando foi perguntado: **Durante a sua formação profissional você teve algum momento direcionado à orientação sexual?**

60% das professoras afirmaram que aconteceu às vezes, quando se discutia eventualmente sobre o assunto. 20% responderam que nunca houvera nenhum momento direcionado à orientação sexual e 20% disseram que aconteceu numa disciplina na graduação.

A perspectiva é que os cursos de formação profissional do professor incluam no seu currículo disciplinas específicas que auxiliem o professor a trabalhar a orientação sexual na sala de aula, levando em consideração que a orientação sexual deva ser um trabalho sistematizado e contínuo em processo interdisciplinar.

**Foi pedido que as professoras apontassem sugestões pedagógicas envolvendo um trabalho de orientação sexual.**

A professora A indicou palestras com profissionais da saúde nas escolas, envolvendo as famílias e a comunidade, sendo que os meninos deviam ser mais trabalhados. A professora B sugeriu uma disciplina específica com profissional capacitado e material adequado. A professora C indica filmes, palestras e teatro nas salas de aula. A professora D defende a idéia de cursos de capacitação para os professores de todas as áreas para que se torne um processo interdisciplinar e a professora E não indica sugestões.

Com base nos resultados coletados é possível ter uma visão geral sobre a concepção das professoras em torno da sexualidade humana. Desta forma observa-se que as professoras questionadas priorizam a sexualidade humana como forma de desenvolvimento do ser humano ressaltando a influência que a sexualidade traz à formação da personalidade.

A maioria das professoras participou de palestras que abordaram o tema e elas consideram que a sexualidade deve ser discutida na escola, embora na maioria dos casos falta-lhes preparação profissional e mais alguns outros fatores para que realizem um bom trabalho de orientação sexual, principalmente a integração com a família.

Para as professoras questionadas está claro que a sexualidade está presente na escola de diversas formas e principalmente, que ela tem necessidade de ser trabalhada, mas, a escola deve ampliar o estudo da sexualidade envolvendo os aspectos do sentimento.

#### 4.4 - Vivências e Práticas docentes

As atividades de estágio foram realizadas no período de 01 a 30 de novembro de 2007, no 9º ano “A” da Escola Maria do Carmo Pedroza Mendes. Inicialmente, numa reunião na Escola foi apresentada a proposta de trabalho à direção da escola e aos professores do 9º ano “A” onde foi discutida a importância do estudo da temática sexualidade para professores e alunos. Houve um grande incentivo tanto da direção quanto dos professores para a realização do trabalho com sexualidade naquela escola.

Em outro momento aconteceu a fase da observação da turma com o intuito de conhecer a faixa etária dos alunos e ter uma visão de como deveria ser o trabalho com estes alunos, o que muito facilitou no momento do planejamento das atividades de estágio.

Fez-se necessário um contato com os pais dos alunos para explicar-lhes o sentido do trabalho de orientação sexual na Escola e a metodologia a ser utilizada.

Uma mãe perguntou: “a discussão dessa temática não pode contribuir para que os alunos fiquem mais aguçados para com o sexo”?

Foi explicado aos pais que a discussão da temática seria feita com muita responsabilidade e que a perspectiva deste trabalho seria para que os alunos vissem a sexualidade humana como algo muito importante e por isso eles deveriam estar esclarecidos de dúvidas, mitos, estereótipos de modo a terem uma visão positiva da sexualidade e, sobretudo que através da discussão e da reflexão tenham respeito e cuidados com o corpo e com os sentimentos.

A preocupação apresentada pela mãe supracitada é um assunto discutido por Egypto e que segundo o autor está subtendida a idéia de que a ignorância para com a sexualidade protege as pessoas dos perigos que as rodeiam, embora, sabemos que a orientação sexual não garante o controle total do comportamento do indivíduo, ela serve para esclarecer, refletir, discutir pontos de vista.

Um outro pai incentivou o trabalho e declarou: “não tenho coragem de conversar sobre sexo com meus filhos e acho importante que a escola converse isso com eles para que eles saibam se prevenir das doenças sexualmente transmissíveis”.

Suplicy (1995, p.34) aborda a dificuldade que os pais têm em falar sobre sexo com os filhos e orienta que “confiança não é controle, não é forçar o jovem a agir como os pais querem. Confiar é colaborar para que o filho tome as próprias decisões de maneira responsável. É esse tipo de conversa que ajuda”. Seria importante que os pais aprendessem a quebrar estas barreiras do silêncio e passassem a conversar mais com os filhos sobre o assunto e juntos apresentem idéias, reflexões e estabeleçam limites.

Prosseguindo as atividades de estágio aconteceu, na sala do 9º ano da Escola Maria do Carmo, o primeiro encontro com os alunos a fim de serem esclarecidos os objetivos e a metodologia do trabalho de orientação em orientação sexual naquela turma.

Tomando por base a importância da sexualidade à vida humana foi perguntado aos alunos se eles achavam importante discutir a sexualidade e por quê? Um determinado aluno respondeu que “é muito importante porque os jovens gostam muito de falar sobre o assunto, pois interessa a todos”.

Uma aluna disse: “já estudei um pouco esse assunto nas aulas de ciências quando vimos os aparelhos reprodutores”. Os parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s (1997, p. 113) abordam a questão de que muitas escolas trabalham a sexualidade em seu currículo de Ciências Naturais e que “essa abordagem normalmente não abarca as ansiedades e curiosidades das crianças, pois enfoca apenas o corpo biológico e não inclui as dimensões culturais, afetivas e sociais contidas nesse mesmo corpo”.

Foi pedido que os alunos escrevessem numa folha de papel alguns assuntos que eles gostariam de discutir, eles listaram: as mudanças no corpo, aparelhos reprodutores, menstruação, relações sexuais, namoro, virgindade, relações de gênero, gravidez, métodos anticoncepcionais, casamento e doenças sexualmente transmissíveis. O processo de discussão dos temas indicados pelos alunos ocorreu de forma contínua de modo que a cada encontro foi visto um tema diferente.

Em outro encontro com a turma foi perguntado se eles sabiam o que seria sexo e sexualidade. Os alunos não souberam fazer distinção entre os termos e um aluno disse que “sexo e sexualidade para ele era a mesma coisa”. Para Guimarães (1995, p. 23) “sexo é relativo ao fato natural, hereditário, biológico, da diferença entre o homem e a mulher e da atração um

pelo outro para a reprodução” e a sexualidade “incorpora a reflexão e o discurso sobre o sentido e a intencionalidade do sexo”.

Após reforçar os distintos conceitos de sexo e sexualidade, foi utilizada a música “Amor e Sexo” de Rita Lee/ Roberto Carvalho e Arnaldo Jabor. Os alunos a escutaram e separaram as palavras, que na música representavam amor e sexo. Os alunos listaram para amor: “sorte, pensamento, nos torna patéticos, divino, para sempre, do bem, vem de nós e demora”. Uma aluna discordou da expressão “amor sem sexo é amizade”, ela disse que podemos amar outras pessoas sem que seja apenas amizade, a exemplo do amor que sentimos pelos pais, familiares, sem que tenha a intenção de sexo.

Para discutir as mudanças ocorridas no corpo do ser humano quando este passa da adolescência, a turma foi dividida em dois grandes grupos, o das meninas e o dos meninos. Cada grupo iria desenhar numa folha de papel madeira o corpo masculino e feminino, incluindo o desenho das mudanças mais perceptíveis para eles. Nesse momento uma aluna perguntou se era pra desenhar “aquilo”, então lhe perguntei o que seria aquilo e ela me respondeu envergonhada que seria o órgão sexual.

Mesmo com algumas risadas e brincadeiras os meninos destacaram: os pelos, o suor excessivo, a voz grossa, o aumento no órgão genital, as espinhas e a ereção no pênis. Já as meninas disseram: o aumento dos seios, o suor, as espinhas, o aumento nos quadris, a menstruação e as cólicas. Além das mutações físicas foram discutidas ainda as psicológicas como medo, insegurança, vergonha, rebeldia, egoísmo e outras.

De acordo com Suplicy (1995, p. 25) as mudanças psicológicas acontecem porque “na adolescência as emoções são vividas com muita intensidade”. É importante que os adolescentes conheçam o corpo e os motivos das mutações ocorridas para que eles reconheçam este processo como natural e entendendo isto aceitarão com maturidade, sem vergonhas, culpas ou complexos.

Falando dos aparelhos reprodutores, foram utilizados cartazes que mostraram as partes internas e externas de cada genital e foram explicadas as funções de cada órgão interno e externo. Em seguida os alunos começaram a fazer perguntas: “o tamanho do pênis interfere no prazer sexual? Qual a idade certa em que ocorre a ereção e a ejaculação? O que é responsável

pelo prazer sexual na mulher? Com quantas relações sexuais a mulher perde a virgindade?”. Os alunos pareciam muito ansiosos, queriam perguntar todos ao mesmo tempo e riram em alguns momentos, foi preciso conter a turma pedindo silêncio e atenção.

Apesar desses comportamentos demonstrados pelos alunos no momento da orientação sexual, que é considerado natural, pode-se comprovar que eles apresentam dúvidas e curiosidades, mas é interessante observar a confiança, o respeito e a afinidade que eles têm com os professores que tratam da sexualidade.

Tratando dos temas menstruação e ejaculação foi explicado para os alunos todo o processo que envolve cada um dos fenômenos. Surgiram perguntas como: “O homem só sente prazer ao ejacular? A masturbação traz problemas de saúde para o homem? As frutas ácidas ajudam a aumentar as cólicas menstruais? Transar na menstruação engravida? Qual a idade correta para acontecer a 1ª menstruação?”.

Abordando as relações sexuais assistiu-se ao filme “Inesquecível” que narrou a paixão de dois amigos pela mesma mulher. O filme que apresentou cenas discretas de sexo prendeu a atenção dos alunos e posteriormente, se discutiu os comportamentos das personagens. Surgiram perguntas do tipo: “A mulher só é virgem se sangrar na primeira relação sexual? A mulher pode sentir prazer na primeira relação sexual? A primeira relação masculina dói?”

Diante do turbilhão de dúvidas foi lançada a seguinte pergunta aos alunos: Que momento você considera certo para acontecer à primeira relação sexual? Um aluno disse que “é um momento de muita responsabilidade porque é marcante e se não for com quem se ama poderá se tornar traumatizante, principalmente para as meninas”. Uma aluna acrescentou que “o momento ideal para isso seria após o casamento”.

Suplicy (2000, p. 94) orienta que “é importante que o rapaz e a menina tenham autonomia de decisão quanto ao seu momento para iniciar a vida sexual”. Essa autonomia deve conter a segurança e o cuidado para se evitar decepções, constrangimentos, gravidez indesejada ou até mesmo os riscos à saúde.

Adentrando nas relações de gêneros discutiram-se os comportamentos, as roupas e as brincadeiras padronizadas socialmente para meninos e meninas. A discussão se aprofundou



em torno do modo de vida exigido para cada sexo e abordou as batalhas enfrentadas pelas mulheres em função da luta por igualdade de direitos para com os homens.

Abriu-se um leque em relação as várias conquistas sociais femininas, desde a antiguidade até os dias atuais, enfocando o machismo que está arraigado na nossa cultura. Uma aluna escreveu: “Os homens tem que deixar de pensar que as mulheres só servem para esquentar a barriga no fogão e esfriar na pia. Stop! Isso está errado, mulher tem que trabalhar em delegacia, ser juíza e mostrar que não é sexo frágil”.

Essa afirmação da garota gerou certa polêmica na sala de aula porque os homens não admitiram que a mulher tivesse os mesmos direitos que eles. A situação foi amenizada e logo depois um garoto escreveu que “em termos de trabalho pesado, os homens são melhores, já as mulheres são melhores por outro lado, como por exemplo, no amor”.

Falar de relações de gênero é fundamental para refletir toda e qualquer discriminação à mulher. Suplicy (2000, p.61) afirma que “o resultado dessas reflexões talvez possa contribuir para a superação da desigualdade de gênero e de forma mais ampla, da desigualdade social”.

Um vídeo trouxe para o debate a gravidez onde mostrou todas as etapas desde a relação sexual até o nascimento do bebê. Algumas perguntas foram feitas sobre e num outro momento foram discutidos e mostrados alguns métodos anticoncepcionais como a camisinha e a pílula anticoncepcional. Alguns cartazes e panfletos abordaram a tabelinha, o diafragma, o Diu, o método Billings e o coito interrompido, tudo foi visto com as devidas informações. Os alunos expuseram suas dúvidas e obtiveram as respostas para elas.

Namoro e casamento são assuntos que não poderiam ficar de fora das discussões com os alunos, principalmente o namoro, que nessa fase é vivido intensamente pelos jovens e é considerada a fase das descobertas, do conhecimento, do encanto. Os alunos falaram dos tipos de namoro, inclusive do “ficar”, em seguida, foi feita uma comparação em relação aos namoros dos tempos anteriores.

Uma aluna sugeriu que “os jovens não deveriam se casar cedo e que só deveriam se casar por amor”, pois esta era sua opinião. Outra aluna disse que “o casamento é uma coisa muito séria e que hoje em dia os casamentos estão acabando com muita facilidade”.

A ajuda de um profissional em saúde facilitou o estudo das Doenças Sexualmente Transmissíveis através de uma palestra cujo objetivo tratava da informação sobre as DST's mais conhecidas, como preveni-las e que os jovens presentes tornassem multiplicadores desse estudo.

A Dr. Maria do Socorro Sarmiento explicou o funcionamento dos órgãos genitais considerados normais, isto é sem DST's. Em seguida começou a explicar como cada órgão era afetado com as DST's e as formas de prevenção das doenças. Isso aconteceu através de uma linguagem simples, demonstrando segurança e tranqüilidade. Os alunos mostraram-se prestativos e sempre tirando as dúvidas em relação às doenças.

Terminadas as discussões do estágio, os alunos tiveram um momento de avaliação do trabalho. Nesta ocasião foi aberta a caixinha de perguntas e sugestões que havia sido confeccionada desde o início do estágio para que os alunos deixassem ali sua opiniões e dúvidas.

Foram lidas as perguntas e respondidas pelos próprios alunos com base nos estudos feitos durante o estágio e posteriormente, os alunos declararam ter sido muito proveitoso o estudo da temática e sugeriram que a escola optasse em trabalhar a orientação sexual constantemente.

A experiência em estágio mostrou que a orientação sexual na escola é um trabalho apaixonante e que rende frutos valiosíssimos. É a oportunidade que a escola tem em contribuir para a formação integral do aluno, bem como desenvolver um bom relacionamento em clima de amizade e harmonia. Para isso o professor deve estar informado e juntamente com os outros segmentos que formam a escola mobilizem toda a comunidade escolar para desenvolver um trabalho em conjunto, de forma harmônica e interdisciplinar.

Segundo Suplicy (2000, p. 22) "a postura do orientador deverá ser a de mobilizar seus alunos, ao promover a troca de idéias, levantar e sistematizar opiniões, desequilibrar preconceitos e propor a produção de textos e dramatizações". Embora seja um trabalho um tanto difícil, devido os diferentes pontos de vista, constatou-se que é possível manter o equilíbrio e discutir a sexualidade sem que haja complicações.

Sabemos que algumas situações podem acontecer no momento da orientação, a exemplo de piadas, cochichos e risadas. Esse momento é oportuno para o professor trabalhar esse tipo de comportamento e descobrir o que está implícito nisso.

## 5 - CONCLUSÕES

Após investigar a temática sexualidade na concepção de docentes e discentes do 9º ano “A” da Escola Municipal Maria do Carmo Pedroza Mendes pretende-se aqui, além de apresentar algumas conclusões, lançar sugestões para melhorar a ação dos professores no que se refere o trabalho de orientação sexual.

Um ponto a ser destacado na visão dos professores é a importância que eles dão à sexualidade humana. O fato dos professores entenderem a sexualidade como um fator fundamental à vida é um ponto positivo para o trabalho de orientação sexual. No entanto, percebe-se que a falta de preparação profissional dos professores em relação à sexualidade torna-se um entrave ao trabalho.

As estatísticas da pesquisa comprovaram que 80% dos professores não se sentem preparados para discutir a sexualidade com os alunos e apenas 20% disseram estar preparados. Os professores que representam os 80% afirmaram que temiam enfrentar o medo e a insegurança durante o trabalho de orientação sexual.

Mesmo com a falta de preparação afirmada pelos professores foi constatado que acontecem na sala de aula, variadas manifestações de sexualidade a exemplo de desenhos, piadas e comportamento, o que implica dizer que há sim uma necessidade de se trabalhar a sexualidade.

Os alunos demonstraram ainda um grande nível de interesse e participação durante a discussão da temática, no período de estágio. Essa pré-disposição dos alunos para tratarem da sexualidade indica a importância do tema e a necessidade de um trabalho mais sistematizado e contínuo.

O estágio contribuiu muito para mim como profissional da educação no sentido da experiência, trabalhando com uma temática polêmica e obtendo bons resultados, assim como para os alunos, que tiveram a oportunidade de discutir, expor idéias, posicionamentos, ter mais conhecimentos sobre o assunto.

Seguindo essa ótica, tornam-se necessárias algumas sugestões para melhorar o estudo da temática na Escola Maria do Carmo Pedroza Mendes, a saber:

- A necessidade de propiciar estudos e capacitações para os professores acerca da sexualidade através de palestras, debates, filmes, dentre outros.
- A aquisição e confecção de materiais didáticos referentes ao tema.
- A integração escola e família para que os pais estejam a todo tempo esclarecidos do tipo de trabalho que a escola está fazendo em relação à sexualidade.
- A construção de um projeto coletivo que envolva todos os agentes e que este seja incorporado à Proposta Pedagógica da Escola.
- O envolvimento dos alunos e a tomada de suas opiniões para a escolha dos temas a serem discutidos.

Considero que foi de fundamental importância trabalhar este tema no útero da E.M.E.F. Maria do Carmo Pedroza Mendes, entendendo que se tornou para mim um desafio que rompeu tabus e ultrapassou barreiras sobre a sexualidade. Desta forma, vivenciei uma oficina de realidades e sonhos de forma concreta, elevando a escola supracitada ao padrão de escola moderna.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Júlio Groppa(org.). **Sexualidade na Escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997).

BRASIL,. Secretaria de Educação Fundamental . **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual/** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEC, 1997. 164p.

EGYPTO, Antonio Carlos. **Orientação Sexual na Escola: um projeto apaixonante**. São Paulo: Cortez, 2003.

GONSALVES, Eliza Pereira. **Conversas sobre a iniciação à pesquisa científica**. Campinas – SP: Editora Alínea, 2001.

GUIMARÃES, Isaura. **Educação Sexual na Escola: mito e realidade**. Campinas – SP: Mercado das Letras, 1995 – (coleção dimensões da sexualidade).

MEIRA, Luís Batista. **Sexos: aquilo que os pais não falaram para os filhos**. João Pessoa: Autor associado, 2002.

MEYER, Dagmar E. Estermann(org). **Saúde e sexualidade na escola**. Porto Alegre: Editora Evangraf, 2000.

NYE, Robert D. **Três psicologias: idéias de Freud, Skinner e Rogers**, São Paulo: Tomson Pioneira, 2002. Tradutor Robert Bryan Taylor.

OLIVEIRA, Betânia Maria de. **Sexualidade na Escola: um estudo sobre as representações dos docentes do ensino Fundamental**. Universidade Federal de Pernambuco/ Centro de Educação/ Mestrado em Educação. Recife: 2001.

PINTO, Ênio Brito. **Orientação Sexual na Escola: a importância da psicopedagogia nessa nova realidade**. São Paulo: Editora Gente, 1999.

RICHARDSON, Roberto Jarry, (et all). **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SAYÃO, Yara. **Orientação sexual na escola: território possíveis e necessários**. IN: AQUINO, Júlio Groppa(org.). **Sexualidade na Escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997).

SUPLICY, Marta. **Sexo para adolescentes: amor, homossexualidade, masturbação, virgindade, anticoncepcionais, AIDS – 3. ed.** – São Paulo: FTD, 1995.

\_\_\_\_\_ (et all.). **Sexo se aprende na escola - 3. ed. -** . São Paulo: Editora Olho d'água, 2000.

**CARO PROFESSOR,**

SOLICITAMOS A VOCÊ QUE RESPONDA O QUESTIONÁRIO QUE SEGUE. O MESMO FAZ PARTE DE UM ESTUDO SOBRE ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA QUE SERÁ APLICADO NA SALA DE AULA COMO REQUISITO INDISPENSÁVEL PARA A DISCIPLINA DE ESTÁGIO EM DOCÊNCIA DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, CAMPUS DE CAJAZEIRAS.

RESSALTAMOS QUE SUAS RESPOSTAS SERVIRÃO APENAS PARA FINS ACADÊMICOS E SERÃO MANTIDAS EM ABSOLUTO SIGILO. ESPERAMOS CONTAR COM A SUA COLABORAÇÃO.

ATENCIOSAMENTE;  
**MARIA AMÉLIA MENDES LUIZ DE SOUSA**

### QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES

1 – Como você vê a sexualidade humana?

---

2 – Você já participou de algum curso ou palestra sobre a orientação sexual?

---

3 – Você acha importante discutir a sexualidade na escola? Por quê?

---

4 – O que seria necessário para um bom trabalho de Orientação sexual?

---

5 – você se sente preparado para trabalhar a orientação sexual?

( ) sim                      ( ) não

Justifique sua resposta

---

6 – Em sua opinião, em que momento a escola deve abordar a orientação sexual?

( ) Somente nas aulas de ciências

( ) Todas as vezes que o aluno manifestar algo sobre sexualidade

( ) Ela não deve abordar a sexualidade porque já é função da família

( ) Nunca, pois os professores não têm formação adequada para o assunto

7 – De que forma os alunos manifestam a sexualidade na escola

( ) desenhos

( ) palavras

( ) piadas

( ) comportamento

( ) não revelam interesse pelo assunto

8 – Marque as dificuldades que você teme enfrentar num trabalho de orientação sexual

insegurança  dúvidas

nenhuma, sei muito sobre o assunto

9 – Durante a sua formação profissional você teve algum momento direcionado à orientação sexual?

numa disciplina na graduação

nunca

às vezes, quando se discutia eventualmente sobre o assunto

sempre

10 – Aponte sugestões pedagógicas envolvendo o trabalho de orientação sexual

---

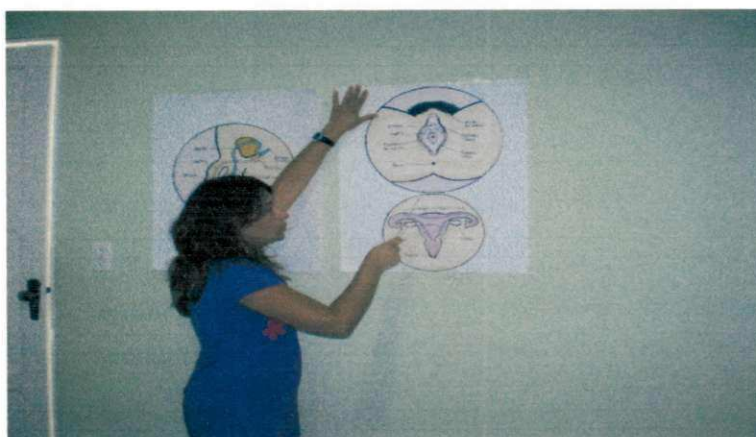
---

---

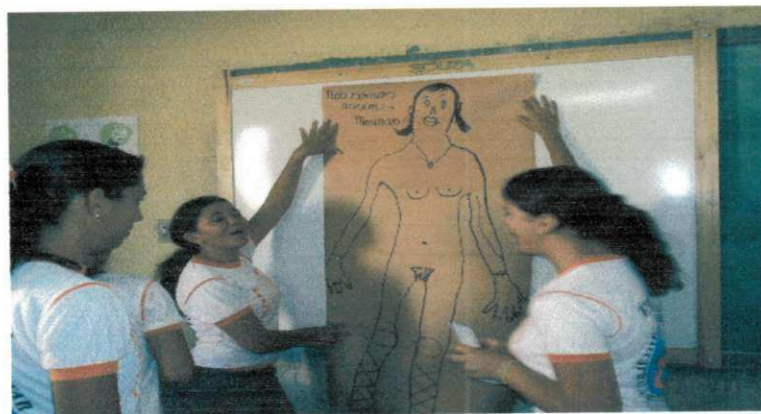
---

---

### FOTOS DO ESTÁGIO







UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

